

jogo

MARCO
ANTÔNIO
ROCHA

ECONÔMICO

O ministro e a tristeza dos jecas

Peço licença para informar aos leitores desta coluna que sou um caipira paulista autêntico. Nasci em Olímpia, há 52 anos, no tempo em que aquilo era mato bravo. Depois fui criado em Araraquara. De modo que por formação social e cultural sempre soube apreciar a boa música sertaneja.

Eis que para minha satisfação fico ciente de que meu bom amigo Pazzianotto, ministro de Estado para assuntos do Trabalho, é também um bom conhecedor do gênero, tanto assim que gravou, para uma emissora de TV, sua mais recente interpretação de "Tristeza do Jeca" — pérola das baladas ou toadas do sertão.

Mas não estamos aqui para falar da nossa biografia nem da biografia do ministro. Apenas achamos oportuno o tema escolhido por Pazzianotto para o seu lançamento como artista, uma vez que, de fato, há muitas e boas razões, neste Brasil hodierno, para o Jeca andar muito triste.

Antes de mais nada, uma dissertação sobre o sentido da palavra Jeca, para os próprios e para os não-Jecas. Há dois sentidos. Um positivo, que lhe dava Monteiro Lobato, por exemplo, com carinho. O Jeca é um homem humilde porém digno; ineficiente porém trabalhador; não instruído porém inteligente. Mas, muitas vezes se usa a palavra "jeca" para ofender ou depreciar alguém. Aí o sentido é outro. É sinônimo de bestalhão, é o contrário do autêntico Jeca. O bestalhão é arrogante porém indigno; parece eficiente mas é vagabundo; instruído porém estúpido.

O que estamos querendo dizer é que há muitas e boas razões para que os jecas autênticos deste país estejam muito tristes, enquanto os "jecas" por opção, os bestalhões que campeiam em Brasília, estejam muito alegres.

A Constituinte tem sido um verdadeiro maná para o pasto dessa jecaria de segundo tipo. Ali eles se atropelam num formidável esforço de antiquização do Brasil e festejam a modernidade e o avanço dos seus lances e idéias. Em Portugal os antiquários têm um nome bem preciso: velharias! A Constituinte é o reino da velharia. Ali progressistas e vanguardistas imitam Michael Jackson — caminham para trás dando a ilusão de que estão indo para frente. Interessantes mímicos, e pândegos. Estamos voltando rapidamente para a década de

50, a pretexto de avançarmos para o ano 2000. Não tenho nada contra a década de 50. Vivi muito feliz nela. Inclusive porque naquela década se pensava e se batalhava pelo Brasil dos anos 80. É duro constatar que deu nisto que está aí. Deu nesta esforçada batalha pela volta aos anos 50. A Constituinte, valentemente, arromba portas abertas e obstrui novos caminhos. Proíbe contratos de risco que a Petrobrás não faz mais, há cinco anos, e fecha as pontes de comunicação entre o atraso brasileiro e as tecnologias avançadas do mundo. Expande o paternalismo social e reduz a oferta de empregos. Ataca corajosamente todos os obstáculos que se opunham ao desenvolvimento brasileiro nos anos 50 e inibe todos os apoios que ele possa receber nos anos 80.

É a festa da jecaria de segundo tipo contra os jecas de primeiro tipo. Um Jeca de segundo tipo vem para a TV dizer para os jecas de primeiro tipo que este é o melhor governo que já tivemos na história. E nós todos, jecas de primeiro tipo, só podemos tirar o palheiro da boca e resmungar como o Jô Soares — isso diz você, que é rádio!

Enfim, parabéns ao ministro Pazzianotto!

Cantar "A Tristeza do Jeca" nessa quadra histórica é seguir a recomendação do poeta, de sair cantando um tango argentino — posto que é o que nos resta. Para sorte da jecaria envernizada dos gabinetes de Brasília, os jecas autênticos só sabem ficar tristes. Ainda não aprenderam a ficar bravos.

Antigamente tivemos críticas veis constituições jurisdicistas ao extremo: bacharelescas no mau sentido. Agora vamos ter uma Constituição radicalmente "jeca" — no pior sentido da expressão.